

O PÉRIPOLO AUSTRAL

Cap. I

Eu corri com a maior rapidez possível. Reuni todas as forças dos músculos de minhas pernas e lancei-me para frente quase alçando vôo. É inacreditável como um ser humano sentindo sua vida em risco é capaz de adquirir capacidades além do que imaginaria. A distância que separava-me de minha casa, meu abrigo, o lugar onde poderia sentir-me salvo e seguro, não era grande. Sugava todo o ar para dentro de meu peito e sentia-me flutuando levemente acima do pavimento de paralelepípedo da rua. Não ousava olhar para trás, não ousava sequer prestar atenção na respiração arfante do grande cão que me perseguia. Era o cão do vizinho, sua fama de perigoso era conhecida por todos os moleques da vizinhança. Não consigo lembrar-me porque me arrisquei a entrar naquele quintal, mas já devia prever o resultado. Agora só restava fugir, fugir... Precisa conseguir sobreviver, precisava chegar ao meu lugar seguro!

Ainda é assim. Ainda hoje me lanço em lugares perigosos, em situações de risco, deixando as seguranças e arriscando-me para além de meus espaços. Por mais que não queria não sou capaz de resistir a esta força que me leva a desinstalar-me constantemente de minhas seguranças. Sendo assim, sinto-me ainda hoje sendo perseguido por aquele grande cão prestes a destroçar-me. Então corro... corro sem olhar para trás. E assim o ciclo se reinicia constantemente.

Cap. II

Já havia passado dos trinta então. Bons anos passados dos trinta. Lembro-me que me sentava sob uma árvore de folhas esparsas e tronco retorcido como é bem comum nos lugares de vegetação de cerrado. O tempo estava seco, pois era inverno. O verde dos pastos nas colinas do outro lado da estrada estava meio que amarelado, coberto da poeira que se erguia como consequência da passagem dos carros na tortuosa e estreita estrada de terra que passava logo adiante do outro lado da cerca natural de pinheiros e eucaliptos que circundava minha “prisão”.

Sabia que havia me metido lá por escolha própria, por vontade própria. Mas, em muitas circunstâncias, e são sempre assim as circunstâncias de minha vida, a vontade é vítima de imposições que afloram do nosso coração.

Nessas ocasiões, sentado lá, ficava olhando longamente aquela estrada horrorosa e concluía que precisava tomar aquele rumo, pegar aquele caminho e não olhar mais para trás e não voltar mais aquele lugar. Deixar tudo, por mais longo que tenham sido os anos que me conduziram até lá, por mais significativos que tenham sido e por mais que aquela atitude provocasse a sensação de derrota, perda e fracasso e, pior ainda, rompimento com todas as certezas interiores que conduziam minha vida e história até então.

Mas não havia outra solução. Era preciso correr mais uma vez. Correr velozmente, como aquela criança de há muitos anos passados. Correr para fugir daquele cão feroz que punha minha garganta em risco novamente. Aquele lugar já não era mais o meu lugar seguro. Havia se transformado no quintal do vizinho onde vivia o cão feroz.

Ergui-me de sob a árvore e preparei para correr, uma corrida tão violenta e que exigiria tanto quanto aquela de há muitos anos. Novamente era minha frágil vida que estava em jogo e não poderia nem sequer dar espaço a possibilidade daqueles dentes se cravarem em mim.